



Camponês



Os grandes agrários têm créditos em melhores condições, só eles podem dispor duma assistência técnica, só eles podem usar máquinas. Acresce que os grandes agrários escolhem a melhor época para venda, enquanto o pequeno produtor tem de vender imediatamente para apurar dinheiro, não tem liberdade para colocar o seu produto, tem, em muitos casos, que entregar o total da sua produção aos grandes senhores instalados nos grêmios e aos preços que estes determinam.

De o «O Crmínio» para Derrubamento do Fascismo.

Órgão da Unidade dos Camponeses

NAO FAREMOS A GUERRA A U.R.S.S.

Os imperialistas anglo-americanos preparam-se activamente para atear uma nova guerra de agressão contra a grande União Soviética, fortaleza da paz e defensora de todos os povos oprimidos do mundo. Na sua política de guerra os reaccionários americanos e ingleses não estão sozinhos—eles contam com os lacaios do grande capital que em todos os países conspiram contra a liberdade e a independência dos seus povos, contam com os reaccionários da Igreja Católica do Vaticano e com os restos do fascismo, que eles pouparam na última guerra, muito particularmente os carrascos dos povos de Portugal e Espanha, Salazar e Franco. O governo salazarista, completamente enfiado à América e à Inglaterra, prepara-se para aderir ao chamado «Pacto do Atlântico», que outra coisa não é senão uma frente imperialista de agressão à URSS e aos países da Democracia Popular. O governo de Salazar não representa o povo português—ele é antes um punhado de traidores enriquecidos no poder e isolados da nação—como ficou plenamente demonstrado na campanha eleitoral para as últimas eleições presidenciais. O povo português quer a paz e não tolerará que o país sirva de trampolim para a agressão anti-soviética. O grande povo soviético não está sozinho—ao seu lado estão todos os povos oprimidos da terra, os operários, os camponeses e todos os homens progressivos do mundo inteiro, incluindo os da própria América e Inglaterra, que, em cada país, saberão «virar o bico ao prego» e esmagar como animais daninhos os provocadores da guerra. Se o governo de Salazar tiver tempo de arrastar Portugal para uma criminoso guerra de agressão à U.R.S.S., o povo português lutará por todos os meios contra aqueles que façam do nosso país uma base de guerra anti-soviética e ajudará com todas as suas forças a acção libertadora do glorioso Exército Vermelho. Tal como ontem Hitler e Mussolini, também os novos conspiradores contra a paz do mundo estarão condenados a um esmagamento completo!

O PLANO MARSHAL e as Lezírias do Tejo

O governo de Salazar que, para comprar a protecção dos grandes financeiros americanos, não hesitou em atirar para o desemprego milhares de operários e camponeses do nosso país e de lançar na ruína a indústria, o comércio e a agricultura nacionais, prepara-se para colocar sob o controle dos imperialistas americanos as mais ricas regiões agrícolas do nosso país. São os administradores do Plano Marshal para Portugal—desse plano criado pelos monopolistas da América para estrangular a independência económica e política das outras nações—que estão a proceder ao estudo dos planos de irrigação dos campos do Ribatejo e do Alentejo. Quer dizer: a fertilização das mais ricas terras do nosso país está a ser confiada a aqueles que têm interesse em matar a lavoura nacional afim de inundarem Portugal com uma grande parte da gigantesca produção agrícola americana. No dia 4 do corrente mês o director dos Serviços Hidráulicos convocou para Santarém uma reunião dos representantes da lavoura ribatejana afim de discutir com eles os planos de defesa dos campos marginaes do Tejo. Na verdade, o objectivo de tal reunião foi obter a colaboração dos grandes agrários ribatejanos para a cedência das ricas lezírias do Tejo às apes de rapina do Plano Marshal. As associações de proprietários preconizadas pelos representantes do governo nessa reunião, visam abafar as vozes discordantes dos pequenos e médios proprietários condenados a pagarem os encargos do emaranhamento do Tejo e, por último, a ficarem sem as suas terras.

Só a união e a luta de todos os pequenos e médios proprietários das margens do Tejo poderão fazer fracassar

os sinistro planos do salazarismo e dos monopolistas norte-americanos. Pequenos e médios proprietários do Ribatejo e do Alentejo! Protestai contra a Intromissão dos americanos nas vossas terras! Enviai ao governo e à Assembleia Nacional fascistas representações exigindo providências para a defesa dos vossos campos! Nem um centavo deve sair das vossas algibeiras para o custeio de tais obras—o governo de Salazar que nos rouba pesadas contribuições, é que deve pagar os encargos dos campos marginaes do Tejo!

“A TERRA”

Mais um companheiro de luta na imprensa clandestina levanta a sua voz contra a miséria e a opressão salazaristas. Ao lado do «Avante», glorioso órgão de combate do Partido Comunista Português, e dos outros jornais clandestinos, o aparecimento de «A Terra» representa um esforço notável dos camaradas camponeses do Norte e Centro de Portugal. Retribuimos a «A Terra» as fraternais saudações que nos envia no seu primeiro número e desejamos-lhe uma longa vida.

AINDA AS

Eleições-Burla

A medida que se vão conhecendo os verdadeiros resultados da eleição-burla de Carmona, melhor se vai vendo o que foi a mascarada eleitoral do salazarismo. Eis alguns números que até agora chegaram ao nosso poder: O primeiro número é dos inscritos, segundo os salazaristas; o segundo número é dos votos que segundo afirma o governo entraram nas urnas; e o terceiro número é aquele que foi realmente controlado pela oposição: Portalegre: 3019, 2375, 610; Crato: 1373, 1049, 524; Borba: 794, 635, 298; Montemor: Novo: 4154, 2503, 890; S. Julião: 240, (—), 45; Benavila: 257, (—), 45; Gafete: 287, (—), 117; Vale do Peso: 130, (—), 34; Flor da Rosa: 120, (—), 35. Se tivermos em conta os grandes cortes realizados pelos fascistas nos cadernos eleitorais e se nos lembrarmos, que a maior parte dos votantes foram votar coagidos pelos salazaristas (criados, criadas, alguns trabalhadores, etc.,) que foram votar sob a ameaça de ficarem sem pão, ficaremos com uma ideia aproximada da burla-eleitoral de Salazar. A «maioria» de Carmona não passa, portanto, de uma ridícula minoria.

unidos contra as manobras dos agrários

Os jornais fascistas, pagos por Salazar, estão fazendo uma grande barulheira a propósito da reduzida verba de 3 mil contos que o governo salazarista concedeu para «acabar» com a crise de trabalho nos campos do Alentejo.

Em primeiro lugar, nós já estamos fartos de saber que o salazarismo e os grandes agrários não têm nenhum interesse em acabar com o desemprego nos campos, pois dessa forma podem reforçar a exploração do nosso suor e oferecer-nos uma jorna de fome. Tem sido o lema da nossa luta unida e firme, pelas nossas representações, concentrações e marchas de fome junto das Casas do Povo e das autoridades fascistas, que temos conseguido obrigar o salazarismo e os grandes agrários a abrirem trabalhos para os desempregados e a pagarem uma jorna mais alta do que aquela que eles nos querem pagar. Assim, a verba de 3 mil contos, agora concedida pelo governo fascista foi, portanto, arrancada pela nossa luta e tem de ser considerada como uma importante vitória da nossa firmeza e da nossa unidade.

Em segundo lugar, a verba de 3 mil contos não passa duma pequena gota na maré cheia da nossa miséria. A grande crise de trabalho que hoje paraliza milhares de braços camponeses não pode ser liquidada com os paninhos quentes do governo salazarista. São necessárias medidas mais profundas e urgentes para acabar com a fome dos nossos filhos e elas não virão pela própria vontade dos inimigos—tais medidas só serão arrancadas pela nossa luta. Temos de estar vigilantes e activos pois cantiga da imprensa fascista, não passa duma nuvem de poeira atirada aos nossos olhos com o fim de esconder mais uma verdadeira cana-

lince que os grandes agrários e o salazarismo estão a tramar contra as famílias camponesas. Como se sabe, o governo de Salazar, criou as Casas do Povo para amarrar docilmente os camponeses à exploração dos agrários e servir os interesses da grande lavoura. Mas para fazer crer que elas foram feitas para defender os trabalhadores, o salazarismo teve de introduzir nos estatutos certas regalias demagógicas que eles nunca pensam em cumprir. Foi sómente pela nossa luta que o salazarismo e os agrários foram obrigados em muitos casos a cumprir aquilo que eles não queriam que passasse do papel. Precisamente porque nós os temos obrigado a cumprir os estatutos das Casas do Povo, os grandes agrários estão a manobrar para riscar deles aquelas disposições que os obrigam a dar trabalho aos desempregados. Já na reunião da lavoura, realizada em Évora em Julho do ano passado, os grandes agrários pediam ao governo a reforma do regulamento da sua «responsabilidade nos encargos da crise de trabalho», e, também agora na Assembleia Nacional fascista os representantes da grande lavoura como Melo Machado, o Rui de Andrade e outros grandes agrários, estão a propor medidas que, no fundo, têm os mesmos objectivos.

Só a nossa luta cada vez mais firme, mais unida e melhor organizada, será capaz de desfazer mais esta manobra do salazarismo e dos grandes lavradores.

Façamos concentrações e marchas de fome junto das Casas do Povo, dos Grêmios e Juntas, das Câmaras e Governos Cívics, exigindo a rápida liquidação da crise de trabalho e o cumprimento dos estatutos da Casa do Povo! Juntemo-nos todos, os de uma terra com os das outras terras, e façamos

representações escritas ao governo e à Assembleia Nacional fascistas, exigindo PAO, TRABALHO E UMA JORNA SUFICIENTE PARA TODOS!

Alerta Rendeiros!

Os grandes proprietários e o salazarismo querem descarregar as consequências da crise da lavoura, que só eles provocaram, sobre as costas daqueles que exploram. Os pequenos e médios rendeiros, senhores, foreiros e parceiros serão das principais vítimas da voracidade dos grandes agrários, se desde já não se unirem numa mesma frente de luta contra os grandes senhores do latifúndio e o governo salazarista. Os agrários estão a manobrar para conseguirem a modificação da forma de pagamento da renda numa base mais favorável ainda aos seus interesses parasitários. Eles querem que as rendas lhes sejam pagas em trigo ou o equivalente em dinheiro sobre o conjunto do preço-base e do subsídio de cultura, que por efeito do decreto-lei 2379 é concedido ao cultivador directo. Além disso querem que o valor da renda incida também sobre as outras culturas melhor remuneradas que o trigo.

Pequenos e médios rendeiros! Em cada localidade ou região juntai-vos todos, fazei exposições ao governo e à Assembleia Nacional fascistas protestando contra as manigâncias dos proprietários e exigi maior protecção do vosso esforço! Se não conseguirmos impedir o salazarismo de fazer mais leis favoráveis aos agrários, então juntemo-nos todos como um só homem e finquemos o pé às exigências dos grandes proprietários e do governo de Salazar!

MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

O caminho que nos indica o Partido Comunista e «O CAMPONÊS», isto é — o caminho da LUTA — é aquele por onde continuamos a fazer recuar os exploradores do nosso trabalho e os culpados da nossa miséria e da fome dos nossos filhos. Assim o estão a compreender cada vez mais todos os camponeses do Alentejo e do Ribatejo que se estão levantando contra a exploração salazarista. Em BENAVIDA (Avis) o agrário fascista António de Moura despediu 17 trabalhadores que se tinham recusado a votar em Carmona como ele tinha exigido. Estes trabalhadores juntaram-se aos outros já desempregados e todos juntos fizeram uma concentração na Casa do Povo onde exigiram que lhes fosse dado trabalho. A direcção da Casa do Povo foi obrigada a empregar na reparação de uma estrada a maioria dos trabalhadores. Só porque não souberam ficar unidos até ao fim é que os camaradas camponeses de Benavida não conseguiram que ninguém ficasse sem trabalho. Em S. Cristóvão 75 camponeses desempregados fizeram uma concentração na Junta de Freguesia no mês de Janeiro e obrigaram o administrador do concelho que também é comandante da GNR, a distribuir todos os trabalhadores pelos agrários da região. Mais tarde, novamente desempregados, 50 camponeses elegeram uma comissão de unidade e, com ela à frente, concentraram-se de novo na Junta de Freguesia exigindo que o presidente desse providências para acabar com a crise de trabalho. No dia seguinte o administrador do concelho deslocou-se a S. Cristóvão e reuniu todos os desempregados no posto da GNR, a fim de se inteirar da sua situação. O administrador ameaçou-os de prisão por terem tido a audácia de enviar ao governador civil um abaixo assinado reclamando eleições livres. Os trabalhadores responderam com o desprezo e exigiram que lhes fosse dado trabalho, acabando por serem todos distribuídos pelas obras de reparação das estradas. Na HERDADE «PORTO DA ESTACA DE LIMA» o latifundiário fascista Manuel Joaquim Gonçalves quis descontar meio dia de entrega à segunda feira a um rancho de trabalhadores empregados no serviço de desbasta de lenha. Estes uniram-se como um só homem e protestaram contra este roubo fazendo recuar aquele explorador e obrigando-o a pagar o meio-dia. Em LAVRE os trabalhadores desempregados concentraram-se junto da casa do regedor exigindo trabalho. Este pediu providências ao administrador do concelho que escreveu aos agrários da região solicitando-lhes que aceitassem pessoal para assim solucionar a crise. Poucos lavradores atenderam a isto e então o administrador deslocou-se pessoalmente a Lavre para tratar da questão com os agrários e nem mesmo assim a questão foi resolvida pois o administrador respondeu com promessas que não cumpriu. Isto mostra-nos que não nos devemos deixar ir em cantigas e que devemos continuar a nossa luta até ao fim. Em S. ROMÃO, na herdade do fascista Joaquim Alves os camponeses uniram-se e exigiram aumento de jorna. Apesar do feitor ter ameaçado de lhe baixar a jorna de 16\$ para 15\$00 os camponeses não se vergaram e exigiram 17\$00 o que foi conseguido. Em MONTEMOR, os camponeses continuam as suas

concentrações na Casa do Povo exigindo uma jorna de 30\$00 e trabalho garantido. Com a sua luta continua, os camaradas camponeses de Montemor têm conseguido trabalho todas as semanas e conseguiram o aumento da jorna de 17\$00 para 18\$00. A um dos ranchos que foi distribuído para os serviços das estradas o empreiteiro não lhes queria dar lenha para cosinharem e não lhes queria dar meia hora de sol de entrega à segunda feira e meia hora de sol para a desferra ao sábado. Os camponeses uniram-se todos, nomearam uma comissão e concentraram-se junto do administrador do concelho protestando contra as condições de trabalho. Como não fossem atendidos no dia seguinte todos os trabalhadores se levantaram como um só homem e com a sua comissão à frente novamente se concentraram junto do administrador paralisando o trabalho, e exigindo a satisfação das reclamações da véspera. A luta continua. Em PENEDO GORDO o empreiteiro de estradas Inácio Morgadinho, conhecido fascista de Évora, não pagava aos trabalhadores quando as camionetas se avariavam e fazia-os trabalhar de sol a sol em vez de 8 horas de trabalho. Os trabalhadores queixaram-se às autoridades e o empreiteiro fascista foi obrigado a pagar-lhes 77 horas a 6\$00 cada. Este mesmo empreiteiro despediu 20 trabalhadores no fim da semana e recusou-se a pagar-lhes. Os trabalhadores fizeram uma reclamação ao delegado do I.N.T. de Beja exigindo o pagamento de 6 dias de trabalho. A luta continua. Outro rancho de trabalhadores que andavam numa cava de vinha por

conta do lavrador fascista José Nunes exigiram aumento de jorna. O lavrador recusou e despediu um camponês como represália. A falta de unidade dos trabalhadores não permitiu que o José Nunes pagasse a jorna exigida e readmitisse o camarada despedido. Em ALDEIA NOVA 120 camponeses concentraram-se 4 vezes na Casa do Povo e exigiram providências para atenuar a crise de trabalho. Sob a pressão dos trabalhadores a direcção da Casa do Povo distribuiu uma amassadura por cada casa de família e prometeu trabalho para todos. A luta continua. Em CORUCHE uma comissão de camponeses dirigiram-se à Casa do Povo e entregaram à direcção uma representação exigindo a interferência da Junta Central das Casas do Povo para acabar com as jornas de 15\$00. Os dirigentes fascistas da Casa do Povo de Coruche que foram postos à frente dela pelos agrários fascistas locais à porta fechada, recusaram-se a dar andamento a qualquer reclamação antes dia 15 de Fevereiro com o fito de forçarem os camponeses a votar em Carmona.

Camaradas camponeses a camponesas! E preciso continuar a luta, pois a situação tende agravar-se se nós não fizermos finta pé à exploração dos agrários e do salazarismo. Temos de fazer concentrações e marchas de fome cada vez mais fortes e numerosas exigindo novos subsídios para a abertura de trabalhos para os desempregados e o pagamento de uma jorna que seja suficiente para manter a família. Todos unidos devemos impedir que os exploradores da nossa miséria dividam as nossas fileiras dando trabalho apenas a alguns desempregados ou que respondam com vagas promessas às nossas reclamações. A experiência mostra-nos que quando nós conseguimos manter unidos e solidários os nossos inimigos têm de recuar e atender às nossas reivindicações!

Queremos Pão e trabalho para todos!

Está cada vez mais claro que os fascistas não querem acabar com a crise de trabalho nos campos do Alentejo. Os grandes agrários, que nas «eleições-burlas» de Carmona se revelaram como os mais activos defensores do salazarismo, entenderam-se entre si para nos condenar à fome, a nós e aos nossos filhos. Os agrários de Serpa fizeram uma reunião para resolver a crise de trabalho e logo a primeira coisa que fizeram foi despedir todos os trabalhadores que tinham ao seu serviço a fim de poderem depois oferecer uma jorna mais baixa do que a de 15\$00 que estavam a pagar. Lá onde os camponeses se uniram como um só homem e saubram fazer frente à ofensiva dos agrários fascistas, como em PIAS, VALE DE ARVGO e ALDEIA NOVA, os exploradores do suor camponês tiveram de recuar e pagar uma jorna de 16 e 17\$00. Também agora chegam ao nosso conhecimento notícias de novas manobras dos fascistas. Como já aludimos noutro artigo, o governo fascista, pressionado pelas nossas lutas teve de conceder uma verba de 5 mil contos para abrir trabalhos para os desempregados. Essa verba acaba de ser reforçada com outra de 5 mil contos com o mesmo objectivo. Ora os dirigentes fascistas das Casas do Povo — grandes agrários ou seus lacaios — estão a responder às autoridades, que fizeram um inquérito para saber quantos desempregados existem na área da Casa do Povo a fim de serem abertos trabalhos, que na área da Casa do Povo não existem desempregados. Os grandes agrários não querem que os trabalhadores ganhem o seu pão noutros trabalhos que é para terem sempre ranchos de escravos à sua disposição por uma jorna miserável quando deles necessitarem. Estas manobras têm a cumplicidade das autoridades fascistas, interessadas também na exploração dos camponeses, como os governadores civis de Évora e Beja, que são grandes agrários destes distritos. Por exemplo, o governador civil de Évora, o agrário Felix de Mira, em resposta a um grupo de mais de 150 camponeses de Évora que se concentraram junto do Governador Civil exigindo trabalho, despediu todos os camponeses solteiros para empregar os casados como se os trabalhadores solteiros não tenham também necessidade de comer e de viver uma vida digna.

Camaradas camponeses e camponesas! Contra a frente unida dos nossos exploradores há que levantar a nossa unidade combativa! Todos unidos, em cada «monte» ou herdade, em cada vila ou aldeia, os camponeses farão em cacos as manobras dos grandes agrários e do governo salazarista!

Façamos nós uma lista de todos os desempregados e mandemo-la às autoridades — administradores do concelho, governadores civis e delegados do Instituto Nacional do Trabalho! Exijamos a abertura imediata de trabalhos para os desempregados com as verbas arrancadas ao salazarismo pela nossa luta! Protestemos contra as falcatruas dos dirigentes fascistas das Casas do Povo nas nossas concentrações e marchas de fome por mais pão e trabalho para todos!

Campanha dos 5 CONTOS

«O CAMPONÊS» vive do auxílio que lhe prestam os camaradas camponeses e camponesas. O nosso jornal tem de tornar-se cada vez melhor e de sair com regularidade e tem de continuar a sua missão de ajudar os trabalhadores do campo a libertarem-se do jugo dos agrários e do salazarismo. Se lhe faltar a ajuda dos camaradas camponeses e camponesas «O CAMPONÊS» não poderá manter-se. Para a frente, pois, para a rápida conclusão da campanha dos 5 contos!

Recebemos mais as seguintes quantias:

Unidos pela liberdade	12830
Boa esperança	10800
Unidos	25800
Avante camponeses	4850
Abaixo a exploração	6600
Fé na vitória	5850
Firmes	10800
Total	75800

CAMARADA CAMPONÊS

O que pensas tu do teu jornal? És de opinião que devemos tocar outros problemas que ainda não viste tocados em «O CAMPONÊS»? Que falhas tens notado nos problemas tratados? Tens sugestões a fazer? Então escreve à redacção de «O CAMPONÊS», envia-nos as tuas opiniões e escreve nos sobre todas as tuas lutas e problemas. Nunca te esqueças que «O CAMPONÊS» é o teu jornal, camarada camponês!

Pequenas Notícias

Nos primeiros dias de Março foi enviada ao povo da heroica cidade soviética de Leninegrado por ocasião do aniversário do rompimento do cerco a cidade pelas hordas nazis uma mensagem dos operários da cidade industrial inglesa de Yorkshire assinada por 950 mil trabalhadores ingleses na qual estes saúdam os heróicos defensores de Leninegrado e afirmam a sua solidariedade ao heróico povo soviético no caso de uma cobardia agressão imperialista dos anglo-americanos. Os trabalhadores da cidade de Leninegrado agradeceram a solidariedade dos operários ingleses de Yorkshire e afirmaram mais uma vez os desejos de PAZ da União Soviética.

Na BULGÁRIA, onde como nas outras Democracias Populares da Europa Oriental, o povo marcha irresistivelmente para o socialismo, foi iniciado em 1948 o plano de 5 anos, que prevê o aumento da superfície cultivada em mais 165 mil hectares do que antes da guerra e o aumento da produção agrícola em mais 50 por cento. As estações de máquinas agrícolas e tractores, que não existiam antes da guerra, subtrão de 20 em 1948 e 70 em 1947 para 150 no fim do plano. Na Bulgária, como nas outras Democracias Populares, a terra foi arrancada aos grandes agrários e distribuída pelos camponeses pobres e pelos pequenos proprietários e reideiros búlgaros. Criaram-se por todo o país grandes cooperativas camponesas as quais, no fim do plano dos 5 anos, produzirão 60 por cento de toda a produção agrícola.

Na CHINA, o heróico Exército Popular chinês vai varrendo da terra chinesa os reacçãoários, lacaios do imperialismo anglo-americano. A medida que avança o Exército Popular expulsa os grandes proprietários das terras de que se apossaram e entregam aos camponeses pobres e médios. E por esta razão que nas fileiras do glorioso Exército Popular ou na retaguarda do inimigo, no movimento de guerrilhas, os camponeses da China, de armas na mão, são dos mais decididos lutadores pela liberdade da nação chinesa.

O grande sábio soviético Lyssenko, de origem camponesa apresentou o ano passado na Academia de Ciências da U.R.S.S. uma nova espécie de trigo criada por ele com duas espigas que dá uma produção de 10 mil quilos por hectare, (no nosso país a produção de trigos como o durazzo anda à volta de 2000 quilos por hectare). Lyssenko é também o autor da «vernalização do trigo», que é um processo de tratamento das sementes que permite preparar o trigo de acordo com a temperatura e a região em que vai ser lançada à terra. Por este processo o trigo mal é semeado desenvolve-se rapidamente o que permite fazer duas e mais colheitas por ano.